

## POESIAS

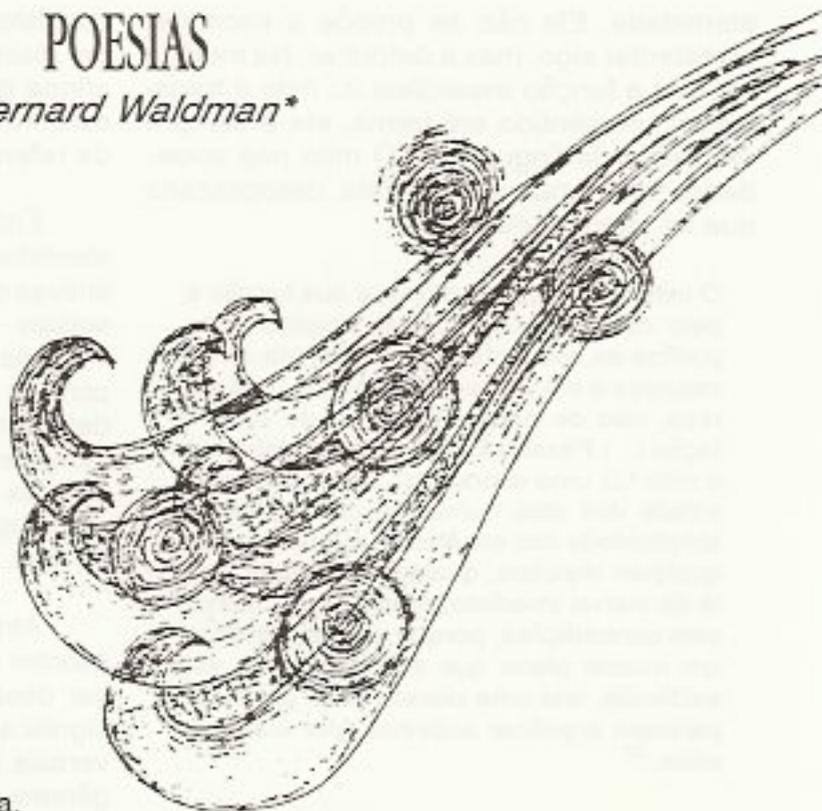
*Bernard Waldman\**

O ruído de fundo lembra o mar,  
o mar traz a praia,  
a areia passeio da memória,  
as ondas, fonte do ruído.

O mar vem à cidade sem praia,  
molhar os olhos perdidos,  
a água vai e volta,  
cobre descobre areia memória.

O ruído de fundo lembra o sangue,  
o sangue traz a vida,  
a história passeio da memória,  
as ondas, fonte do ruído.

O ruído de fundo, mar e sangue,  
o movimento, vai e volta,  
areia e história, passeio da memória,  
as ondas, fonte do ruído.

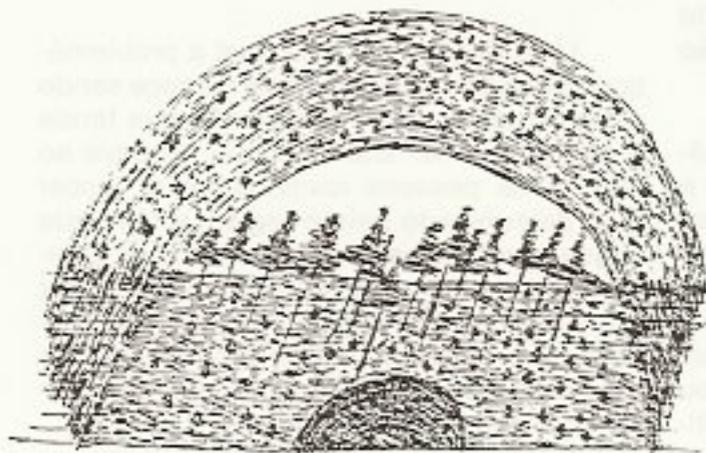


Chão chato, céu bola,  
no céu brotam estrelas,  
o chão recebe pés plantas,  
árvores onde brotam flores.

Flores que caem,  
tapete pouso para os olhos,  
chão chato feito árvore,  
pedaços cores à morte.

Chão chato, céu bola,  
estrelas, flores,  
— flores que brotam  
dos olhos luz e sangue.

O chão recebe pés plantas  
que pisam as flores,  
tapete pouso para os olhos,  
pedaços cores à morte.



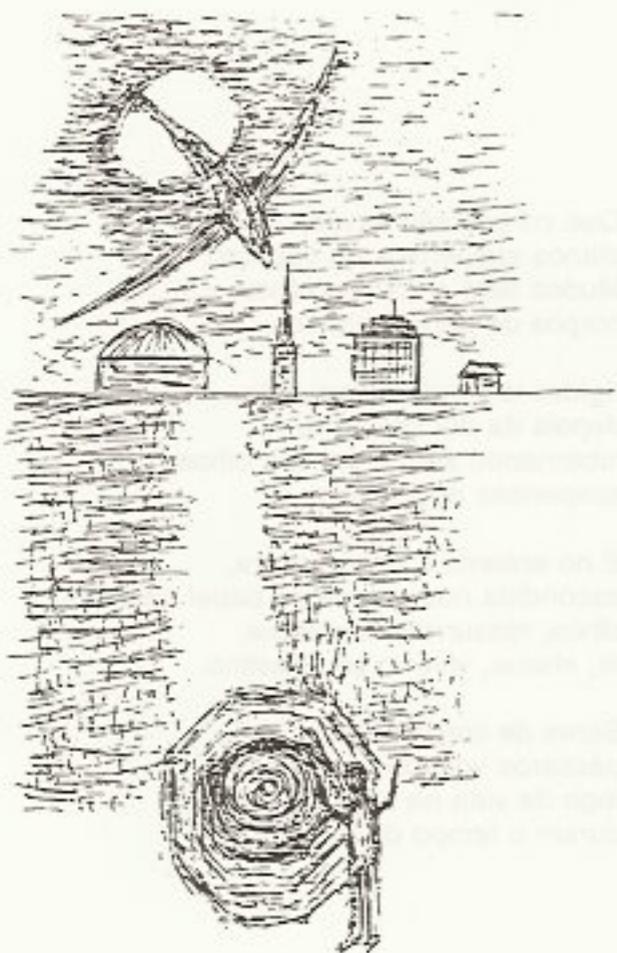
\* Nasceu na Bélgica e graduou-se na Politécnica em São Paulo. PHD em Engenharia Elétrica pela Universidade de Syracuse — EUA. Professor na Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Elétrica da Unicamp. Aposentado pela Universidade de São Paulo. A poesia sempre esteve presente na sua vida, mas explodiu e o consome há três anos.

**I**mpulso não-idéia,  
um traço no início,  
outro logo e mais outros,  
riscos retos, curvos, um torvelinho.

Riscos em fundo neutro,  
desenho mensagem fala mudo,  
corpo livre da alma fonte,  
riscos nos olhos nervos.

Riscos espalhados pelo vento  
procuram ordem desordem seu lugar,  
memória de movimento,  
destino, imóveis riscos.

A mão desscansa,  
idéias, de olhar riscos,  
um traço no início,  
por fim, desenho e prosa.



**C**ansado de voar espaço,  
à terra volta o avião,  
pássaro com fome sede,  
memória de estrelas, nuvens.

Solidão da viagem,  
metal ponto em movimento,  
por fim chega na cidade,  
descendo casa pássaro.

Gritando toca a pista,  
corre não mais voa,  
animal híbrido espaço-terra,  
corpo peixe duras barbatanas.

Vai-se o fôlego,  
mais e mais ser da terra,  
metal procura de repouso,  
sonha o pássaro estrelas, nuvens.

Ponho alma na pedra,  
e a pedra torna-se pedra,  
pedra no mundo da pedra,  
pedra nos caminhos da vida.

Sem alma não há pedra,  
nem forma, nem peso, de pedra,  
corpo de pedra sem alma,  
pedra em busca de alma.

Matéria pedra e alma,  
a pedra voa parábola,  
dói pedra no sangue,  
faz cair, pedra, o viajante.

Ponho alma na pedra,  
milagre, pedra corpo e alma,  
pedra sem vida com alma,  
pedra nos caminhos da vida.

Que corpos são esses,  
planos suspensos no espaço?  
Mudos sem a luz dos olhos,  
corpos de papel palavras,

rígidas em ordem sem vida,  
depois da dor do parto,  
hibernando sem o sol dos olhos,  
suspensas no silêncio.

E no entanto a alma espera,  
escondida nos corpos de papel palavras,  
olhos, ressurreição milagre,  
rir, chorar, viver o seu destino.

Seres de corpo e alma,  
pássaros voando no espaço,  
fogo de vida no foco dos olhos,  
duram o tempo do milagre.

Paredes com seus enfeites,  
em coro chamam as cores  
os olhos curiosos que passeiam,  
no espaço, sem compromisso.

Quadro luz e tinta,  
memória de pincel e mágica dedos,  
coração e olhos apertados sobre o plano,  
um universo para a criança que acorda.

As almas telas falam a sua língua,  
pedem mudas para serem ouvidas,  
linhas cores manchas recebem os olhos,  
clarão prazer ou sombras, a resposta.

No fim do caminho tempo,  
ficam as paredes com os enfeites,  
os olhos fogem para o mundo,  
descobrir linhas cores manchas no espaço.

Numa caixa,  
cabeça, coração e dedos,  
cabeça e coração tocando os dedos,  
os dedos dançam ao som da idéia.

Noutra caixa,  
martelos, cordas, madeira,  
tablado bemóis negros, teclas brancas,  
ondas acompanham a dança.

Vibração das duas caixas,  
dança de dedos, martelos,  
no branco e preto e cordas,  
viverem as ondas o tempo do destino.

Dedos imóveis, caixa vazia,  
brilha o verniz silêncio,  
bemóis negros, teclas brancas, esperam,  
linha sem onda, a próxima dança.

Olhos viajantes,  
a estrada, os campos, os montes,  
o coração memória,  
de longe, de perto, as treliças torres.

Triângulos que metal passam,  
nem árvores, nem casas,  
a sustentar cabos, fios de aranha,  
perfeição de arcos mudos.

A levar energia dos homens,  
arcos de paciência cobrindo o espaço,  
nos desenhos que riscam o dia,  
desde a fonte até as luzes.

Olhos viajantes,  
a estrada, os campos, os montes,  
o coração memória,  
dando os braços, procissão, treliças torres.

Da janela, aos olhos peregrinos,  
presente, pedra e tijolo,  
a igreja de Saturnino Santo,  
no seu desejo de subir ao céu.

Feita de fé rosada arte,  
aos peregrinos manda as mensagens,  
história, culto e hora, moduladas,  
vento de Toulouse.

Da cidade universitária rosada nova,  
pousada dos peregrinos além-mar,  
velha de séculos, a igreja parece olhar o mundo,  
radiando a sua presença memória.